



NEVES, Washington de Carvalho. A Arte por um fio: De um ateliê no Cambuí surge o trabalho de Del Pilar Sallum, figura freqüente na agenda de exposições que, com suas criações, intriga crítica e público. Correio Popular, Campinas, 3 maio 1998.

# A ARTE POR UM FIO

*“Não sou artista de salão. Nem cabe a mim manter o público feliz”,*

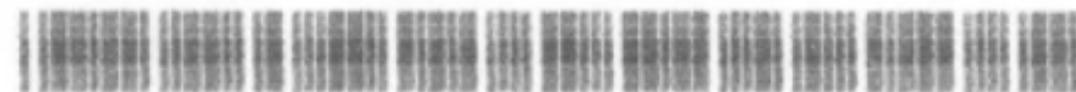
do cineasta Andrei Tarkovski

De um ateliê no Cambuí surge o trabalho de Del Pilar Sallum, figura freqüente na agenda de exposições que, com suas criações, intriga crítica e público



Del Pilar Sallum: "Minhas obras falam de obsessão, solidão e gestualidade"

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE003843

F-2

NEVES, Washington de Carvalho. A Arte por um fio: De um ateliê no Cambuí surge o trabalho de Del Pilar Sallum, figura freqüente na agenda de exposições que, com suas criações, intriga crítica e público. Correio Popular, Campinas, 3 maio 1998.

O nome da artista plástica Del Pilar Sallum tem sido freqüente nas mais importantes exposições do País nos último quatro anos. Não há curador que organize uma mostra coletiva que represente a arte atual brasileira que deixe de incluí-la. Kátia Canton, Tadeu Chiarelli e Daniela Bousso, todos professores da Universidade de São Paulo (USP), a colocam como referência obrigatória. Assim ela passou pela *Novíssimos* (no Paço das Artes, 1998), *Babel* (Sesc, 1997), *Panorama da Arte Brasileira* (MAM, 1997), *Arte Transgressiva* (Piracicaba, 1995) e *Heranças Contemporâneas* (Mac-SP, 1997), entre outras exposições de peso.

Com ateliê em seu aparta-

REPRODUÇÃO



mento, no Cambuí, a paulistana expõe atualmente na coletiva *Prêmio Estímulo*, no Museu de Arte Contemporânea de Campinas (Macc). O trabalho que faz dificilmente deixa de atrair a curiosidade do público. Ela enrola partes do corpo com fios de latão exaustivamente até criar marcas nas peles que são fotografados. O material com a qual lidou se transforma naturalmente em escultura, que lembra ca-

---

sulo. As fotos de dedos, mãos e braços são exibidas simultaneamente com os pequenos objetos.

Del Pilar Sallum sustenta que sua obra fala de obsessão, solidão e gestualidade. Seu trabalho é associado ainda às três moiras da mitologia grega — as fiandeiras da vida. Cloto é a fiandeira por excelência. Ela segura o fuso e vai puxando o fio da vida. Laquesis é a que enrola o fio e sorteia o nome de quem deve perecer. Atropos tem a função de cortar o fio. O ato da artista, segundo ela mesma, é ancestral e ao mesmo contemporâneo.

Leia trechos da entrevista com a artista, que atualmente realiza tese de mestrado na Pontifícia da Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

**Correio Popular - Qual é o tema de seus trabalhos?**

**Del Pilar Sallum -** Eles falam sobre o gesto, o tempo e a idéia de repetição. A repetição se apóia no gesto e o tempo permeia todo o trabalho. Ao enrolar com fios de cobre uma parte de meu corpo vou repetindo os mesmos gestos, que nunca serão iguais. Esse conceito tem a ver com filosofia do francês Gilles Deleuze. Meus trabalhos falam também da fragilidade da matéria e do corpo. As marcas que ficam sobre a pele são congeladas através do ato fotográfico. O meu corpo é o suporte para o que faço e para que esses conceitos aconteçam.

**O que você faz é body art, ou seja, é um trabalho em que o corpo é elemento para a produção artística?**

Não. A body art é outra coisa. Quando o artista entra na ação e ele passa a ser a obra aí então há body art. A body art se confunde com performance. Os austríacos Otto Müller, Rudolf Schwarzkogler, Hermann Nitsch e Günter Brus praticavam realmente a arte do corpo. Eles tiveram uma importância enorme em sua época ao reavaliarem a arte. Eles se automutilavam. A brasileira Iole de Freitas já trabalhou com a body art. Quando o corpo entra como substituto na arte de forma tout court (em francês nu e cru) está ocorrendo, então, a body

art. Eu uso o corpo apenas como suporte.

**Você chega a fazer autoflagelação ao lidar com o limite da dor e da resistência física?**

Eu acredito que não faço autoflagelação. Crio um incômodo como uma orelha é perfurada para o uso de um brinco. Vou no limite. Na hora que percebo que estou me aproximando da dor, suspendo o ato.

**Se sua arte não se define como body art, onde ela se encaixa?**

Acho que não é o caso de me encaixar ou não na body art. Meu trabalho é de contexto na contemporaneidade, onde são propostas novas questões. Se um dia acontecer de houver um encaixe do meu trabalho, isso será por conta da própria história da arte ou dos críticos. Na exposição *Panorama da Arte Brasileira* (realizado no Museu de Arte Moderna, em São Paulo) meu trabalho foi submetido ao tema *O Corpo como Memória*.

**Você está entrando na fotografia? No que ela te chama a atenção?**

A fotografia sempre esteve paralela ao meu trabalho. Ao usar a máquina fotográfica, congelo o instante em que há as marcas da pele por causa do uso dos fios de cobre. A fotografia pode estar em paralelo ao que faço ou caminhar sozinha. Tenho pesquisado a fotografia digital.

**A arte que faço não precisa ser entendida. Uma obra de arte precisa ser apreendida e isso basta. Acho que ela tem que falar do tempo, da vida, da morte**

**Ao explorar a fotografia seu trabalho fica mais conceitual e menos ligado ao manual?**

Não sei se isso está ocorrendo. Mas as fotos de meu corpo acabam se transformando em outro corpo. Nas fotos que expus na exposição *Novíssimos* (no Paço das Artes, na USP, em São Paulo) elas deixaram de mostrar minha mão de forma narrativa para se tornarem elas mesmas num outro corpo. É um corpo anônimo que surge. As pessoas que viram a mostra perguntaram que parte do meu corpo foi retratado. É o tipo de curiosidade humana. E isso é bom porque o fruir do olhar nunca se esgota.

**Os casulos que surgem do enrolar dos fios de cobre que você faz acabam se transformando em esculturas. Que tipo de diálogo elas fazem junto ao público?**

Esses casulos ou invólucros dialogam com a repetição do gesto e com o tempo. O espectador pode ver nelas ainda a questão da obsessão. Para fazê-las foram necessários gestos contínuos, repetitivos, feitos até a exaustão. Lida também com o espaço vazio. Esse espaço pode ser entendido ainda como uma referência à solidão.

**A arte contemporânea precisa muitas vezes de uma bula descritiva para que o público a entenda. Sua arte precisa de explicações?**

A arte que faço não precisa ser entendida. O trabalho tem que propôr novas posturas, questionamentos. Uma obra de arte precisa ser apreendida e isso basta. Acho que ela tem que falar do tempo, da vida, da morte. Há pessoas que viram meus trabalhos no *Panorama* e perceberam o mántra que recito.

**Você tem referências de artistas de peso na arte atual. Quem são eles?**

Tenho admiração pela brasileira Ligia Clark, pelo alemão Joseph Beuys, por Annette Messager e a cubana Ana Mendieta, que trabalha com o corpo também. O intimismo de Leonilson me interessa igualmente.